

Sentidos e saturações da memória no digital: observações sobre a apreensão das informações a partir do “Efeito Google”

Diogo Andrade Bornhausen

*Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, Diretor de Pesquisas do Arquivo Vilém Flusser São Paulo, Diretor do Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia – CISC, Professor da Faculdade de Comunicação e Marketing na Fundação Armando Alvares Penteado – FAAP
E-mail: diogobornhausen@gmail.com*

O propósito deste estudo é investigar as dinâmicas comunicativas e culturais geradas pelas experiências promovidas pela memória no digital. Para isso, foca-se no “Efeito Google”, que observa que a internet é vista como uma extensão mnemônica dos usuários e que por isso ela estaria influenciando no modo como as informações são apreendidas e memorizadas. Com o objetivo de problematizar este fenômeno, esta pesquisa busca compreender o papel exercido por esta memória, tanto em suas representações culturais como no modo como se manifesta virtualmente, a maneira como as informações são mediadas pelo sistema e o modo como os usuários se relacionam com esta oferta.

Palavras-chave: Efeito Google; Memória Cultural; Memória Digital

Senses and saturations of memory in digital: comments on the seizure of information from the "Google Effect"

The purpose of this study is to investigate the communicative and cultural dynamics generated by the experiences promoted by memory in digital. To do so, it focuses on the "Google Effect," which notes that the Internet is seen as a mnemonic extension of users and therefore it would be influencing how information is captured and memorized. In order to problematize this phenomenon, this research seeks to understand the role played by this memory, both in its cultural representations and in the way it manifests itself virtually, the way information is mediated by the system and the way users relate to this offer.

Key-words: Google Effect; Cultural Memory; Digital Memory

Sentidos y saturaciones de la memoria en el digital: observaciones sobre la incautación de la información a partir del "Efecto Google"

El propósito de este estudio es investigar las dinámicas comunicativas y culturales generadas por las experiencias promovidas por la memoria en el digital. Para ello, se enfoca en el "Efecto Google", que observa que Internet es vista como una extensión mnemónica de los usuarios y que por eso ella estaría influyendo en la forma en que las informaciones son aprehendidas y memorizadas. Con el objetivo de problematizar este fenómeno, esta investigación busca comprender el papel ejercido por esta memoria, tanto en sus representaciones culturales como en el modo como se manifiesta virtualmente, la manera como las informaciones son mediadas por el sistema y el modo en que los usuarios se relacionan con esta oferta.

Palabras-clave: Efecto Google; Memoria Cultural; Memoria Digital

Introdução

As reflexões que aqui se apresentam têm como principal objetivo entender o modo como se manifesta e a maneira como é assimilada a memória no digital, procurando compreendê-la a partir dos sentidos comunicacionais e culturais que a envolvem e de que forma são configurados por esses meios. Entende-se que parte do fascínio mnemônico exercido por tecnologias que prometem tudo armazenar pode também ser analisado como um sintoma de época que clarifica o modo como as informações são acessadas e apreendidas por seus usuários. Para isso, focar-se-á atenção em um fenômeno específico que colabora nesta argumentação, o “Efeito Google”.

Conceito cunhado pelos psicólogos Betsy Sparrow, Jenny Liu e Daniel M. Wegner (2011) em artigo intitulado *Google Effects on Memory: Cognitive Consequences of Having Information at Our Fingertips*, publicado na *Science Magazine*, o “Efeito Google” sugere que a Internet hoje é vista como um “banco de dados pessoais”, uma espécie de “memória externa” que influi na capacidade de retenção de informações dos usuários. Por meio de variados testes, primordialmente concentrados em estudantes universitários, a equipe de pesquisadores comprovou que a percepção de que qualquer conteúdo pode ser acessado em algum momento futuro está diretamente relacionada a uma diminuição do potencial memorativo destes indivíduos. A desobrigação de ter de lembrar de algo específico estaria, ainda segundo o estudo, despertando outras habilidades nos usuários, como a rapidez em saber como e onde buscar as melhores respostas às perguntas.

Embora não seja um conceito completamente novo – como é possível de ser observado, por exemplo, na teoria de Derrick de Kerckhove (2009) e seu conceito de “psicologia just-in-time”¹ –, o “Efeito Google” atualiza o fenômeno ao destacar em sua nomeação a plataforma de buscas com maior sucesso na Internet, o *Google*, que, sob o lema de conseguir “organizar a informação mundial e torná-la universalmente acessível e útil”², torna-se um influente mediador de uma grande memória perenemente disponibilizada. Por esta razão, ainda sob esta premissa, esse programa seria capaz de gerar um efeito específico, que denota seu alto valor simbólico e demonstra sua capacidade de orientar os modos como as informações são apreendidas.

Nesse sentido, pensar este fenômeno implica entender o papel exercido por esta memória, os sentidos culturais que essa realização possui, a maneira como o acesso às informações é mediado por este sistema e o que isso causa ao modo como os usuários se relacionam com esta oferta, bem como ela é capaz de afetar seus níveis de apreensão. Para isso, a presente análise se concentra no “Efeito Google” sob a luz da Teoria e da Filosofia da Mídia, acreditando que por meio delas seja possível esclarecer sentidos subjacentes deste fenômeno e,

1. Em sua obra “A pele da cultura”, Kerckhove questiona: “Quando se sabe que todo o conhecimento está distribuído e que tudo é conhecido por alguém, em algum lugar, e que esta informação está acessível, e tem preço, desenvolve-se uma espécie de psicologia “Just in time”. Para que preocuparmos-nos em aprender isso agora se, quando precisarmos, estará acessível?” (Kerckhove, 2009, p. 156).

2. Disponível em: <http://www.google.com/about/company/>. Acesso em 20. Jun. 2018.

com isso, o modo como ele pode ser revelador para se pensar a aquisição de conteúdos na atualidade.

A idealização da memória na Cultura e na Comunicação

Ao evidenciar a memória como vetor de análise com especial implicação no modo como os conteúdos são apreendidos, dada a facilidade de manuseio permitida pelo digital, a Dra. Sparrow e sua equipe abrem possibilidades para também se pensar as razões que fazem com que essa memória consiga agregar tamanha importância na atualidade. Embora não tenha sido o foco do supracitado estudo, por meio dele é possível refletir sobre os sentidos envolvidos nessa oferta mnemônica, principalmente se pensados a partir da história de suas representações culturais.

Ocupando um papel preponderante na história do pensamento, a memória guarda uma grande variedade de compreensões que podem ser pensadas a partir dos meios, dos modos e dos sentidos criados coletivamente no processo de produção e apropriação da cultura. Isto significa que, por meio dela, o homem buscou deter e conquistar seu mundo e compreender-se genealogicamente nesse ambiente que construiu. É sob esta premissa que Vilém Flusser (2014) defende pensá-la como elemento intrinsecamente relacionado e fundante da própria ontologia da Comunicação. O autor, ao procurar definir a comunicação, a descreve como “o armazenamento, o processamento e a transmissão das informações adquiridas” (Flusser, 2014, p. 33). Definição a princípio simples, se não fosse a reversão feita por ele de que a comunicação não se estabelece a partir de modelos funcionalistas de transmissão, mas antes como uma permanente negação da entropia e que por isso tem na busca mnemônica a idealizada garantia de permanência. Ainda de acordo com Flusser, este poderia ser visto como o propósito de toda vida humana, “percebido enquanto tendência do homem para ser guardado no interior de tal memória tida por “imortal” e “eterna”(Flusser, s/d)⁴.

Quando recorrida às suas representações passadas, as compreensões tidas sobre a memória confirmam as elaborações de Flusser, principalmente quando pensadas a partir de suas origens teogônicas – figuradas na importante deusa *Mnemosyne*, que encantava os poetas gregos e os incitava a buscar a genealogia divina do seu povo – e é possível de ser estendida até a mística judaica, que tem na memória o referencial de constituição de sua origem e a base de união de seu povo (Herschel, 1995). Nesse sentido, sua presença sempre lhe garantiu uma representação transcendente, que faz de sua busca algo “trans-humano”⁵ ao mesmo tempo em que, segundo Jean-Pierre Vernant (1990), lhe dá uma função psicológica de constituição do eu, do social e do tempo, que sempre precisou ser dominado e conquistado.

3. [SEM REFERÊNCIA]_2683_ MEMÓRIA [V.2]. Esta referência à obra de Vilém Flusser sinaliza sua localização no Arquivo Vilém Flusser São Paulo, pois ainda não se encontra publicada.

4. De acordo com Jean-Pierre Vernant (1990), *Mnemosyne* era uma das titânides, filha de Urano e Geia, e que com Zeus teve as nove Musas. Seria a divindade da enumeração vivificadora frente aos perigos da infinitude, frente aos perigos do esquecimento, Lete.

5. Podendo ser encontrada em uma vasta gama de pensadores, a aliança entre a memória e a presença divina pode ser observada em Platão (2009; 2010) e Santo Agostinho (2000). Segundo estes pensadores, seria na figura de Deus que estariam contidas as memórias de todo o Universo e que, por esta razão, os homens ao desenvolverem tal capacidade, vencendo a mortalidade do corpo por meio da imortalidade da alma, se aproximariam da *aletheia* (verdade) divina, o que naturalmente constitui um esforço sobre-humano de superação. Flusser, em seu texto *Memória – V.2* (s/d. 2683 – VFA)⁶, contextualiza a reflexão desses dois pensadores aos meios de

Desse modo, se refere à memória a capacidade de intermediar o tempo, dando-lhe referência histórica e, assim como as imagens, manifestando-se como uma “presença de uma ausência” (Ricoeur, 2008). Isto responsabilizará a memória pelo contínuo reavivamento do passado, constituindo-se por isso uma atividade exaustiva do homem, presente em toda tradição da *ars memoriae*, como foi profundamente trabalhado por Frances Yates (2007), e estendida até seu importante papel em toda a Idade Média, notoriamente nos estudos de Giordano Bruno, Dante Alighieri e Raimundo Lúlio. A partir de sua qualidade imagética e junto à sua função temporal se configurará como base para o desenvolvimento das grandes narrativas, confirmando a função apontada por Vernant (1990) ao dar sentidos que serão continuamente recriados pelas sociedades.

Esse papel social, foco de compreensão das Ciências Sociais dos séculos XIX e XX, com destaque para os estudos de Maurice Halbwachs (2006), significou a comprovação de que a unificação que as narrativas trazem aos povos pode também esclarecer as construções políticas e ideológicas criadas sobre essas sociedades. O que, conseqüentemente, evidencia também a seletividade trazida pela própria história entre o que deve ou não ser lembrado, como emblematicamente pontuou Walter Benjamin (1994).

A ficcionalização narrativa criada por esta História que não cessará em ser destrinchada e evidenciada (De Certeau, 1992), encontra no século XX, principalmente nas construções memoriais, um controle espacializado do tempo, “lugares da memória”, como afirmado por Pierre Nora (1993). A memória assim significará a consolidação de um projeto, segundo Fausto Colombo, “antes de tudo, arquivamento do tempo, ou seja, armazenamento do fluir” (1986, p. 62), manifestado na quantidade de arquivos e bibliotecas que marcam essa época.

Desse modo, ainda que sucinta, a explanação demonstra que é notória a importância dada à memória na história da cultura, tanto em sua função narrativizadora quanto espacializadora, ao servir como instrumento de união social (Le Goff, 2003), de aprendizado individual e coletivo (Vigotsky, 1984) e que por isso será idealizada como *topos* (Weirinch, 2001) que garante a permanência dos saberes adquiridos. Funções estas que permitem confirmar a memória como elemento intrinsecamente relacionado ao campo comunicacional, como apontado por Flusser.

A efetivação do supracitado propósito garante, ainda segundo Flusser, a afirmação da própria “dignidade humana”, atualmente posta em jogo com o desenvolvimento de instrumentos capazes de operar com total eficácia pela contínua permanência. Nesse sentido, o autor observa que a habilidade das tecnologias com alto poder de armazenamento oferece ao homem o sentimento de realização de ter alcançado o almejado sonho de uma memória total, coletiva, que o desincumbiria do esforço neguentrópico de preservação, permitindo agir de outros modos. Flusser aponta que os meios teriam um efeito

comunicação ao ver que “as novas memórias podem ser interpretadas enquanto técnicas que visam a salvação das almas”, o que destaca esse significado “trans-humano”.*As referências às obras de Flusser sinalizam sua localização no Arquivo Vilém Flusser São Paulo, pois ainda não se encontram publicadas

libertador, já que o homem não precisaria mais possuir as informações, mas sim, seria capaz de articulá-las.

Se analisado sob essa perspectiva, o avanço tecnológico que marcou o último século e as teorias que o acompanharam demonstram que toda a idealização que marcou a história cultural tem seus traços ainda presentes na atualidade, encontrando nas tecnologias da informação a legitimação da citada utopia, tal como é possível verificar na metáfora do “cérebro eletrônico”, permanentemente citada quando se fala em memória no digital. Dessa forma, desde as “extensões do homem” como enfatizava Marshall McLuhan (2011), à inteligência artificial, como apregoado por Pierre Lévy, seriam os meios os responsáveis pela “busca, localização, interpretação, sintetização, selecionamento, releitura, tornando a memória de acúmulo em uma memória viva” (Lévy, 2006, p. 272).

Os “lugares da memória”, como dito por Nora (1993), agora estariam sendo virtualmente oferecidos, garantidores de seguridade, unidade e confiança que, segundo Jean Baudrillard (2006), emprega aos meios ainda maior força simbólica. A certeza de que tudo está ali, disponível, conservado, de que em instantes será resultado o que foi desejado, manifesta-se como um ideal de que o conhecimento está sendo ofertado livre de qualquer barreira e para todos, o que, como visto, toca em questões profundas da comunicação e da cultura. As atuais denominações de “sociedade do conhecimento”, “cultura da democratização da informação” e “cultura do compartilhamento”, são manifestações evidentes da crença de uma memória coletiva sendo formada. As camadas de sentido pertencentes aos diversos estágios de compreensão e de tentativa de concretização da memória se refletirão neste caso de modo simultâneo, observado nas tentativas de controle dos conteúdos permitidos pelos meios e no deslumbramento que estes mecanismos proporcionam.

Ao procurar compreender o modo como a confiança se estabelece no “Efeito Google”, o estudo da Dra. Sparrow e sua equipe a compara ao conceito de “memória transacional”, elaborado pelo psicólogo Daniel Wegner (1986), que vê a tendência no ser humano, frente à quantidade de informações, de compartilhar suas necessidades de rememoração com terceiros. Como exemplo, ele sugere um casal em que o marido confia que a esposa lembre informações necessárias ao cotidiano, enquanto ele lembraria de outras informações importantes à sua vida conjugal. A memória assim não seria duplicada desnecessariamente, mas sim de modo complementar.

No caso do “Efeito Google” isso repercutiria em uma parceria entre usuário e sistema, uma cumplicidade que se cria pois se tem a “sensação que a internet se tornou parte de seu próprio conjunto de ferramentas cognitivas” (Wegner, Ward, 2015, p. 66). É como se o indivíduo não diferenciasse mais o que é a sua memória pessoal das informações oferecidas virtualmente, isso porque,

“a informação buscada na internet chega às vezes mais rápido do que se estivéssemos vasculhando o fato em nossa memória” (Wegner, Ward, 2015, p. 66).

No entanto, diante desse cenário indicado pela Dra. Sparrow e pelo fascínio evidenciado pelos estudos da informação acerca dos sistemas capazes de armazenamento, é possível questionar-se também se essas relações realmente respondem a todas as necessidades apresentadas, bem como o modo como elas efetivamente se estabelecem e suas implicações para a apreensão das informações.

A virtualização da memória

Embora seja plausível pensar sobre a capacidade de acumulação dos meios e a possível facilitação de acesso que influem diretamente na retenção dos conteúdos, como demonstra o “Efeito Google”, estas condições podem também ser refletidas como resposta à incapacidade de se lidar com o volumoso excesso de conteúdos que continuamente são produzidos e disponibilizados (Baitello, 2005). Reflete-se assim mais um enaltecimento, um “excesso de positividade”, como pensado por Byung-Chul Han (2015), do que um aprofundamento das problemáticas que cercam este fenômeno, como a própria “sobrevivência psíquica” do usuário de terceirizar para o sistema a responsabilidade de resgatar e ofertar tantos dados.

Nesse sentido, embora não contemple o tema memória, o pensamento de Han esclarece que sob a ideia de “positividade”, todas as informações, estímulos e impulsos tendem a ser vistos como características benéficas à sociedade *multitasking* (multitarefa), que tem no máximo desempenho o sinônimo de satisfação. Assimilando o excesso como estímulo positivo, acredita o autor, perde-se a capacidade de discriminação com o que é nocivo. Por isto, todos os ambientes contemporâneos, com evidente presença da memória digital, são marcados pela completa saturação.

Sintomas contemporâneos como Síndrome de Hiperatividade, Transtorno de Personalidade Limítrofe ou Síndrome de Burnout seriam evidências dos efeitos trazidos pelo excesso e pela forma com que ele é assimilado. A hiperatenção se assemelha à sensação de medo contínuo, de estar sempre alerta.

Um animal ocupado no exercício da mastigação de sua comida tem de ocupar-se ao mesmo tempo também com outras atividades. Deve cuidar para que, ao comer, ele próprio não acabe comido. Ao mesmo tempo tem de vigiar sua prole e manter o olho em seu (sua) parceiro(a). Na vida selvagem, o animal está obrigado a dividir sua atenção em diversas atividades. Por isso, não é capaz de aprofundamento contemplativo – nem no comer nem no copular. O animal não pode mergulhar contemplativamente no que tem diante de si, pois tem de elaborar ao mesmo tempo o que tem atrás de si. Não apenas a multitarefa, mas

também atividades como jogos de computador geram uma atenção ampla, mas rasa, que se assemelha à atenção de um animal selvagem (Han, 2015, p. 32).

Sob o “Efeito Google” o usuário pode estar eximindo-se de apreender os conteúdos que acessa, pois, sob tais condições, sempre haverá algo a mais para ser visto, gerando uma constante sensação de falta e uma permanente atenção diante dos variados estímulos que chegam. Um desejo não satisfeito que aumenta proporcionalmente à quantidade de estímulos ofertados, como esclarece Norval Baitello (2010) ao se referir ao pecado capital da gula, mostrando com isso um fenômeno implícito a esse efeito, o de que ele acontece, em verdade, pela possível saturação do próprio indivíduo em reter tudo que a ele se exhibe.

A imediaticidade e o desempenho, qualidades antes exaltadas nas tecnologias, tornam-se características presentes no próprio comportamento dos usuários. Estes, em favor do armazenamento e da disponibilização, passam a computar à máquina suas próprias informações ao mesmo tempo em que estas lhes traz aceleradamente o que acredita ser válido de ser visto.

Uma troca entre sistema e usuários, mas que pode não se dar com a equidade prevista nos estudos de Sparrow e Wegner, mostrando-se mais como uma vantagem do sistema em relação a quem o usa. Enquanto o sistema se fortifica com o ininterrupto acúmulo de informações, o usuário lhe serve com estas ao mesmo tempo em que espera as melhores respostas. O “funcionário” flusseriano (Flusser, 2008) se presentifica ao jogar as regras do aparelho, tornando-o ainda mais eficaz em sua função, com a particularidade de que nesse caso esses sentidos se envolvem com a idealização mnemônica anteriormente exposta.

Este fato se comprova em duas ocorrências paralelas. A primeira delas, vista na pesquisa promovida pela *Axandra SEO Softwares*, demonstra que, em média, 91,63% dos usuários acessam somente os primeiros dez resultados oferecidos, ou seja, na primeira página apontada pelo *Google*, e que esse número cai para 4,49% na segunda página até chegar a 0,49% na quinta página, tornando-se praticamente “invisíveis” ou “inacessíveis” os resultados mostrados da sexta página em diante⁶. Já na segunda, em razão da primeira, foi testada uma busca simples com a *tag* “google” no próprio *Google*, o que permitiu chegar ao valor de oito bilhões e quatrocentos e sessenta milhões de resultados disponíveis, tendo sido necessários 0,39 segundos para se chegar a eles. Buscando compreender a eficácia do sistema decidiu-se ir até o final da busca. Na primeira tentativa, foi possível chegar até a página 16, sendo que cada página acumula 10 links, totalizando 162 páginas possíveis de serem visualizadas, pois ao final a seguinte mensagem aparece: “para mostrar os resultados mais relevantes, omitimos algumas entradas bastante semelhantes aos 162 resultados já exibidos. Se desejar, você pode repetir a pesquisa incluindo os resultados omitidos”. A fim de continuar

6. Dados retirados a partir das pesquisas realizadas por Axandra SEO Softwares. Disponível em <http://www.axandra.com/>. Acesso em 15 fev. 2018.

comprovando seu funcionamento, optou-se por repetir a busca, que na segunda vez permitiu chegar até a página 53, totalizando 530 resultados disponíveis. A partir deste ponto, o *Google* não permite mais estender a pesquisa. Dessa forma, percebe-se que o valor de dados informados na procura e o real acesso que se tem, considerando a segunda busca, é de 0,0000072017% do total anunciado, evidentemente bastante inferior ao prometido.

Ainda que estudos complementares se façam necessários para problematizar essas ocorrências, em ambos os casos é possível observar uma contradição no fenômeno aqui analisado. Quando evidenciado como comportamento que atribui ao sistema a responsabilidade do armazenamento e da rememoração, o “Efeito Google” denota a supracitada relação de cumplicidade estabelecida entre o usuário e o programa, já que este se oferece como ambiente seguro para esta relação. Em contrapartida, diante desta relação percebe-se um “automatismo” (Flusser, 2008) de acesso que claramente não é questionado, já que os conteúdos, além dos que são imediatamente ofertados, sequer estão realmente disponíveis.

Esta incongruência entre o que é anunciado e o que é de fato praticado leva a crer que o usuário toma os primeiros resultados como verdadeiros, eximindo o *Google* de disponibilizar a totalidade das informações, considerando-os convenientemente como respostas ideais de sua pesquisa. Além de confirmar a leitura da Dra. Sparrow de que se crê que os conteúdos poderiam ser acessados em algum momento futuro, esse funcionamento também evidencia que o sistema, em meio a uma quantidade excedente de conteúdos, seleciona e indica o que deve ser visto, o que deverá ser lembrado.

Em se tratando do tema memória, indica-se que esse gerenciamento dos conteúdos disponíveis e acessíveis são correlatos a um funcionamento narrativo, que ordena categoricamente o que é válido ou não de ser visto, fato esse explorado por Eli Pariser (2011) ao evidenciar que o sistema de acesso funciona com base em “filtros bolhas” que priorizam cada vez mais a personalização dos resultados. Isso significa que se dois usuários, por exemplo, pesquisarem o mesmo tema, provavelmente os resultados expostos serão diferentes para ambos, pois seus históricos, suas memórias e gostos indicam ao sistema qual será o resultado particularmente ideal.

À guisa de conclusão: memória e percepção no virtual

Se pensados todos os tópicos apresentados nesta reflexão, que fundamentalmente permitiram investigar alguns dos sentidos subjacentes ao “Efeito Google”, é possível questionar sobre até que ponto essas dinâmicas não afetam diretamente a capacidade de memorização dos próprios usuários, já que estes se relacionam com base na crença, na imediaticidade e no automatismo de acesso.

Quando compreendida sob a perspectiva subjetiva, ou seja, o modo como o indivíduo lida com suas lembranças, os estudos da memória possuem uma vasta literatura – evidenciada nos estudos de Henri Bergson (2010), Sigmund Freud (1996), Vygotsky (1984), Walter Benjamin (1994) e Aleksander Luria (1999) – que de diferentes modos tentaram compreender de como as imagens passadas constituíram-se enquanto base para a constituição do próprio indivíduo. Em todos os casos é consensual, mesmo que observado de modos diversos, que o acúmulo das informações não se configura mecânica e integralmente. A memória é um processo extremamente complexo que envolve a percepção e reelaboração permanente no modo como o indivíduo se relaciona com seu meio, como resultado das experiências, práticas e observações que teve. Estabelecida conscientemente ou não, a memória se refere ao aprendizado do indivíduo, não limitado ao resgate imediato da lembrança – tal como um arquivo –, mas envolvido com a permanente influência das emoções e de sua própria imaginação.

A “força da imaginação” (*Einbildungskraft*), pensada por Dietmar Kamper (1994), representaria a mencionada constituição da memória do indivíduo, pois, segundo o autor, sua atuação se exerceria com base nas imagens internas do sujeito pensadas e retrabalhadas corporalmente (*KorperDenken*). De acordo com Kamper, é justamente essa capacidade imaginativa que se vê diminuída frente à crescente abstração criada pelo virtual, onde o corpo e suas imagens dão lugar a uma espécie de imaginário mnemônico criado por esses meios.

As respostas prontas e imediatas oferecidas pela memória digital implicariam, se pensadas a partir das contribuições de Kamper, que estas informações não estariam gerando efetivamente memória para os indivíduos, mas sim uma literalização do conhecimento e apreensão do mundo cada vez mais mediado por esses programas.

O ambiente de memória criado pelos meios digitais, fruto de toda idealização cultural, que proporcionaria a articulação libertadora das informações – em menção à afirmação de Flusser –, parece não corresponder aos objetivos em que foi inicialmente pensado. Isso porque ele próprio se vê revestido por condicionantes, como a saturação de conteúdos e automatismos em sua disponibilização, que o encaminham a uma outra configuração. Como se buscou demonstrar no decorrer desta análise, um dos fenômenos que lhe são provenientes é um efeito que se repercute na imagem que o constrói, na crença que ela gera em seus usuários e no modo como efetivamente se determina, alterando o modo como as informações são recebidas e apreendidas, com claro impacto na comunicação que está sendo gerada.

Referências bibliográficas

BAITELLO, N. **A serpente, a maçã e o holograma: esboços para uma teoria da mídia.** - São Paulo: Paulus, 2010.

_____. A era da iconofagia. **Ensaio de comunicação e cultura.** – São Paulo: Hacker Editores, 2005.

BAUDRILLARD, J. **A transparência do mal: ensaio sobre os fenômenos extremos.** Trad. Estela dos Santos Abreu. Campinas: Papirus, 1990.

_____. Além do princípio da memória social. In. CASALEGNO, Federico. **Memória cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes.** Porto Alegre: Sulina, 2006.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGSON, H. Matéria e memória. **Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

SPARROW, B.; LIU, J.; WEGNER, D. M. **Google Effects on Memory: Cognitive Consequences of Having Information at Our Fingertips,** Science Magazine. 05 August 2011. Vol. 333 <http://www.sciencemag.org/content/333/6043/776.full.pdf>

COLOMBO, F. Os Arquivos Imperfeitos. **Memória Social e Cultura Eletrônica.** São Paulo: Perspectiva, 1986

DE CERTAU, M. **A escrita da história.** Rio de Janeiro, Forense, 1982.

FLUSSER, V. **Comunicologia: reflexões sobre o futuro: as conferências de Bochum.** São Paulo: Martins Fontes, 2014.

_____. **O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade.** São Paulo: Annablume, 2008.

FREUD, S. Uma Nota Sobre o Bloco Mágico. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol XIX.** Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.

HAN, B. Sociedade do cansaço. Petrópolis: Vozes, 2015.

HERSCHEL, A. J. **A passion for truth.** New York: Jewish Lights Publis, 1995.

KAMPER, D. Ästhetik der Abwesendheit. Die Entfernung der Körper. München: W. Fink, 2008.

_____. Bildstörungen. Im Orbit des Imaginären. Stuttgart, Cany, 1994.

KERCKHOVE, D. **A pele da cultura.** São Paulo: Annablume, 2009.

LE GOFF, J. **História e Memória.** Campinas: Unicamp, 2003.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era informática.** Rio de Janeiro: Ed. 34, 2011.

_____. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço.** São Paulo: Loyola, 2011.

_____. A memória como processo no tempo presente. In. CASALEGNO, Federico. **Memória cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes.**

Porto Alegre: Sulina, 2006. 263-286.

LURIA, A. R. **A mente e a memória**: um pequeno livro sobre uma vasta memória. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MCLUHAN, M. **O meio é a mensagem**. São Paulo: Ima Editorial, 2011.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: PROJETO HISTÓRIA: **Revista do Programa de Estudo Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**. n.10. São Paulo, 1993

PARISER, E. **The Filter Bubble**. Penguin Books: New York, 2011.

PLATÃO. Teeteto. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2010.

_____. Fedro. São Paulo: Edições 70, 2009.

RICOEUR, P. A memória, a história, o esquecimento. Campinas: Unicamp, 2008.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

VERNANT, J. **Mito e pensamento entre os gregos**: estudos de psicologia histórica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WEGNER, D. M. (1986). **Transactive memory**: a contemporary analysis of the group mind. In: **Theories of group behavior**. Editado por Brian Mullen e George R. Goehals, Springer.

WEGNER, D.; WARD, A. F. (2015). O efeito Google no cérebro. *Revista Mente e Cérebro*, maio de 2015.

WEINRICH, H. **Lete**: arte e crítica do esquecimento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

YATES, F. **A arte da memória**. Campinas: Unicamp, 2007.